

**ANTÔNIO VIEIRA E O SERMÃO DA RAINHA SANTA ISABEL:  
REFLEXÕES ÀS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS**

*Leonardo Samu* (UERJ)  
[leonsamu@gmail.com](mailto:leonsamu@gmail.com)

Nas comemorações dos 405 anos de nascimento de Antônio Vieira, desejamos com este artigo voltar à obra deste autor, especificamente no Sermão da Rainha Santa Isabel, com a finalidade de verificar o elemento argumentativo presente na obra. Como sabemos, enquanto padre, utiliza Vieira, na construção do seu sermão, toda uma linha argumentativa calcada no método de produção clássica de um sermão. Entretanto, associado a este método proposto pela igreja, Vieira faz uso de uma série de recursos destinados à convicção de seu ouvinte, algo que se vê desde a seleção vocabular presente na obra até a exaltação da figura de Santa Isabel, rainha singular na história de Portugal. Nossa leitura se desenvolverá a partir do levantamento dos recursos expressivos capazes de contribuir na argumentação do texto.

Se na história da humanidade muitas foram as figuras que mereceram destaque, sejam por feitos políticos, sociais, artísticos ou intelectuais, sem dúvidas digno será elencar o papel de Antônio Vieira no cenário memorável da intelectualidade, principalmente por ser considerado, ainda hoje, uma das mais brilhantes representações da língua portuguesa no mundo. Ainda que sua produção esteja diluída em uma dúbia relação entre duas pátrias – Portugal/Brasil, o fruto de seu trabalho supera esta realidade, caracterizando a elevação da língua portuguesa em dimensão literária com profunda legitimação do idioma em pleno século XVII. A síntese de Vieira pode ser verificada, artisticamente, em Fernando Pessoa, na obra Mensagens, com um poema, aqui transcrito em parte, dedicado ao nobre padre:

O céu 'strela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e à glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.

Nascido em Lisboa em 06/02/1608, de origem simples, teve, sob os desígnios de seu pai, funcionário escrivão do governo, o dever de seguir, junto a sua família, para o Brasil. Em 1623, ingressa Vieira na Companhia de Jesus, revelando consideráveis dotes na arte da pregação, sobretudo por sua extensa cultura e eloquência. Tais características o le-

varam à nomeação da cadeira de retórica, no Colégio de Olinda, em 1627, recebendo, posteriormente, em 1635, a ordenação sacerdotal. Nesta fase, já podemos encontrar um Vieira com uma identidade basicamente constituída para o exercício de seu ofício e de sua criação artística, algo que se vê na produção de seus sermões.

É nOs *Sermões* que localizamos uma profunda e sistemática produção do autor, fruto dos mais diversificados períodos de sua vida. Nesta perspectiva, Vieira deixou um legado literário significativo, abrangendo o número de duzentas prédicas, além de outras obras de menor significado artístico. Ainda que seus sermões sigam um modelo tradicional daquilo que convencionalmente designamos texto de pregação, com claras heranças de um modelo medieval e judaico, em Vieira encontramos algo mais. Seus sermões não repousam apenas na questão religiosa, mas antes ultrapassam tais questões à demanda de motivos práticos para a inserção do homem de seu tempo. Nesta linha, encontramos um formato bastante semelhante à forma do sermão tradicional, composta de um texto bíblico e teses desenvolvidas pelo orador, com comentário de um trecho selecionado do texto bíblico, porém muito autônomo e singular no conteúdo proposto. Talvez esta tenha sido também uma das máximas expressões do autor em sua produtividade literária, caracterizado como homem de relevante sentido artístico-literário, além dos valores religiosos. Segundo Antônio José Saraiva:

Se procurarmos nas Letras uma figura representativa de certas formas superiores da nossa mentalidade seiscentistas, se quisermos personificar a situação de um homem de formação religiosa ainda medieval mas com a consciência empírica das novas condições sociais e europeias da realidade social e econômica portuguesa e procurando dramaticamente uma solução ideológica para as contradições entre esta consciência e a mentalidade tradicional – o nome que ocorre naturalmente é do padre jesuíta, pregador, missionário, diplomata, político e profético utopista, Antônio Vieira...

Mesmo gozando hoje de intenso valor literário, sendo inclusive considerado um dos maiores vultos do barroco em língua portuguesa, em Vieira repousa outra grande característica: o aspecto linguístico.

Na história da língua portuguesa, encontramos em Camões, sobretudo em *Os Lusíadas*, marca segura de um idioma com características de língua clássica, capaz de expressar o mais alto pensamento do homem lusitano, inserido em um mundo que exigia uma língua cada vez mais enriquecida de elementos sofisticados. Nesta perspectiva, Camões, tanto quanto Dante na língua italiana, proporcionou ao português uma herança nobre, sobretudo no léxico proposto em sua já citada obra. Na mesma re-

lação, Vieira estabelece uma padronização do português do século XVII, principalmente na sintaxe proposta por seu texto. Nesta linha, não é difícil afirmar que neste autor estão contidos valores que figuram como basilares para a legitimação e ratificação da língua portuguesa, sobretudo por seu texto ser expresso em prosa, o que colabora ainda mais para demarcar a língua portuguesa como, por exemplo, idioma não só de expressão artística, mas também científica.

Os méritos linguísticos (estilísticos) de Vieira podem ser explicados por diversas razões. Em primeiro lugar, estava este autor vivendo no universo do século XVII, porém influenciado por toda a carga da mística medieval e quinhentista. Some-se a isso toda a carga significativa da expressão barroca, representada sobretudo por um estilo construído por paradoxos. Produto de uma cultura escolástica e retórica, com toda a herança de uma formação jesuítica e religiosa, foi visível em Vieira o reflexo de sua orientação cristã na produção dos sermões, fruto de extensa propriedade vocabular, sedutora e elegante. Apesar disto, ainda que suas homilias tivessem objetivo prático, funcional, nem por isso deixaram de representar obra canônica, clássica, no sentido de arte preservada.

Não podemos esquecer que, durante o século XVII, grande parte daquilo que se produziu, especialmente no ambiente ibérico (e também no Brasil), de características literárias, esteve a cargo de personalidades ligadas ao universo clerical, modeladas pela retórica proposta nas escolas jesuíticas, já somadas às temáticas que envolviam o homem seiscentista. É notória a luta entre as velhas concepções sociais e econômicas arraigadas na Península Ibérica, como, por exemplo, a base social organizada em um Feudalismo decadente, em oposição aos países que desenvolviam uma economia diversificada, apoiada em uma visão de mundo tipicamente Protestante, como ocorria na Holanda e na Inglaterra. Há de se notar que, em meio a questões como nova burguesia, Inquisição, valores humanos em transformação, a melhor maneira de expressar esta realidade do mundo seria a estética barroca, com sua forma de equacionar diferenças opostas. Para tanto, o sermão poderia representar perfeitamente a síntese dos problemas da época, isto porque, enquanto produto do universo eclesiástico, possuía também como característica a preservação de um modelo de vida estruturado na moral cristã.

Em linhas gerais, entende-se por sermão, ao menos no ambiente católico, uma parte destinada na liturgia para o discurso construído a partir de um trecho bíblico, realizado por um membro do clero com a finalidade de sustentar uma crença. Atualmente, mais popularizado pela no-

menclatura de homilia (na Igreja Católica) ou mensagem (também pregação, nas igrejas protestantes), é constituído por uma exposição, seguida de exortação e concluída por uma aplicação prática. Tratando-se de Portugal e Brasil, em pleno século XVII, a finalidade do sermão mantinha os mesmos objetivos elencados, isto porque, visando à edificação e ao condicionamento do público, funcionava como recurso de dominação doutrinária da sociedade, seja ensinando, orientando ou facilitando os fiéis na compreensão da doutrina proposta.

É na língua, especificamente a portuguesa, apesar de também ter produzido sermões em língua italiana, que Vieira concretizará o seu estilo, síntese do universo barroco, dos problemas sociais e de uma sólida formação teológica. Todas estas representações estarão postas a serviço do interesse maior do autor: a convicção de suas verdades. Tratando-se de um sermão, acentuava a necessidade de trazer o outro para si, numa relação estabelecida em que o argumento deveria servir de instrumento para convencer.

Se as línguas humanas são dotadas de capacidade expressiva, sobretudo pela possibilidade de usos nos mais diferentes contextos e situações, encontraremos, dentre as tantas opções, a maneira de um dado autor buscar a sedução a partir de suas palavras: a convicção. Isto se aplica também à língua portuguesa, ferramenta maior utilizada por Vieira para fazer com que seus ouvintes (ou leitores) fossem conduzidos a uma verdade (ou verdades). Convencer, linguisticamente, requer forma e, para tal, disponibilizam, os que desejarem, as estruturas denominadas argumentos.

Etimologicamente, o termo tem origem no latim *argūmentum*, originando, no século XVI, o termo *argumentação*. De forma geral, o argumento pode ser entendido como um raciocínio sobre o qual se conclui uma dedução, com o interesse de convencer. A partir deste conceito, chegamos ao formato de toda enunciação que tem como base organizar-se a partir de argumentos, a argumentação. Segundo Othon M. Garcia, “Argumentar é (...) convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente.” Para ele, “Na argumentação (...) procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade.”

Nesta linha, argumentar seria a maneira de estabelecer uma verdade, trazendo ao(s) leitor(es) ou ouvinte(s) realidades confiáveis, dignas de serem aceitas e/ou seguidas. Segundo Azeredo,

Argumentar é apresentar uma ou várias informações que o enunciador considera relevantes, seja para fundamentar uma tese explícita, seja para influenciar o interlocutor. O objetivo da argumentação jamais é uma coisa concreta, pertencente à realidade física, como podem ser os objetos da descrição e da narração. Quem argumenta lida sobretudo com as leis do pensamento racional, fazendo generalizações, comparando e contrapondo ideias e opiniões, explicitando causas e efeitos, formulando hipóteses, tirando conclusões. A argumentação trata seu objeto, portanto, como coisa abstrata, que existe exclusivamente como expressão verbal do raciocínio.

Tratando-se de um sermão, as características da argumentação se concretizam com maior ênfase. Isto ocorre já que, sendo um texto que busca conduzir um grupo a um perfil religioso, há necessidade de buscar no outro credibilidade quanto às teses propostas, levando um indivíduo ou grupo a criar saberes ou verdades defendidas pelo argumentador. O desenvolvimento de um sermão está organizado neste plano, tanto na atualidade quanto no passado, sendo, talvez, um modelo canonizado para a posteridade. Em Vieira não é diferente, principalmente com relação ao Sermão da Rainha Santa Isabel.

Pregado em 1674, na Igreja dos Portugueses, em Roma, o referido sermão está centrado em um período crítico da vida de Vieira. Por militar em posições políticas contrárias à ordem vigente de sua época, em 1661 foi deportado para Lisboa, principalmente por defender os interesses da causa indígena no referente ao domínio abusivo dos colonos no Brasil. Desde 1656, a perseguição passara ao âmbito religioso, isto porque, ao provocar a elite econômica no Brasil, afetava também os interesses da Igreja, o que o levou a sofrer problemas com a Inquisição. Em Portugal, tem seus direitos, como religioso, restritos, além de receber pena de reclusão domiciliar. Somente em 1668 tem sua pena suspensa, indo a Roma, em 1669, à demanda do perdão papal. É neste período que Vieira encanta a sociedade romana, não só o Vaticano como também autoridades locais, sobretudo a rainha Cristina da Suécia, mecenas e admiradora da erudição do religioso. Enquanto aguardava resposta do papa, pode desenvolver suas atividades de pregação, inclusive em língua italiana. Um ano antes de seu retorno a Portugal (1675), pregou o referido Sermão de Santa Isabel, nas festividades da santa, lembrada ainda hoje pelos portugueses na data de 4 de julho.

Toda a temática do sermão está alicerçada na figura de Isabel, politicamente rainha e, religiosamente, ao menos no imaginário português, santa. O próprio Vieira, ao iniciar o sermão, declara que a relação rainha X santa “...será o *argumento*, e estes os dois polos do meu discurso” (grifo nosso).

Nascida em Saragoça, em 1271, filha do rei Pedro III de Aragão e de Constança de Hohenstaufen, princesa da Sicília, recebeu de batismo o nome Isabel de Aragão. Aos 12 anos casou-se com D. Dinis, um dos maiores monarcas da primeira dinastia portuguesa. Em 1325, Isabel tornou-se viúva, optando pela vida religiosa. Há várias narrativas que asseveram a santidade desta rainha. A mais recorrente é aquela que trata sobre o milagre das rosas. Quando ainda era casada com D. Dinis, a rainha, seguindo seus votos pietistas, costumava distribuir pão aos mais necessitados. Em certa ocasião, segundo uma das narrativas populares recorrentes em Portugal, foi surpreendida pelo rei, seu esposo, que estava descontente com a prática. Ao perguntá-la o que havia no cesto, então cheio de pão, a rainha dissera serem rosas. Ao descobrir o cesto, reza a tradição lusitana que os pães foram transformados em rosas. Esta lenda, associada à prática religiosa de Isabel, principalmente após a morte de seu marido, fez levar o Papa Leão X, em 1516, a beatificá-la, vindo a santificação em 1625, com o Papa Urbano VIII.

Vieira, ao fazer uso de Isabel em seu sermão, tem ao seu lado um nítido recurso argumentativo. Ao visitar o tema da “rainha santa”, o autor apontava para a necessidade de retomar a questão, visto, no ano de 1675, comemorar-se o cinquentenário de santificação da monarca. Além disso, tomando a história de Isabel e conseqüentemente a história de Portugal, há valorização da cultura e da identidade lusitanas, motivando um pequeno grupo de portugueses vivendo em Roma, sob a bandeira Portugal, a olhar para sua própria história e, conseqüentemente, interagir com o sermão, tomando Isabel como realização de um exemplo português. Havia um interesse na valorização de uma identidade, algo compreensível, visto tratar-se de um grupo fora de seu país, porém vivendo ainda a sua cultura. Tratar de qualquer temática que revisitasse a cultura portuguesa traria maior aproximação do público presente ao sermão proferido. Nesta linha, tendo pregado para um público específico, soube o autor identificar um lugar-comum em seu auditório, trazendo todos os seus ouvintes a um direcionamento que buscava a convicção das verdades apresentadas. Segundo Perelman,

Quando se trata de fundamentar valores ou hierarquias, ou de reforçar a intensidade da adesão que eles suscitam, pode-se relacioná-los com outros valores (...) para consolidá-los, mas pode-se também recorrer a premissas de ordem muito geral, que qualificaremos com o nome de lugares...

Para este ponto, é notória a exploração daquilo que representou e representa a figura de Isabel na cultura portuguesa. Mais do que isto, valoriza-se o exemplo deixado pela rainha que, segundo Vieira, foi “...rainha duas vezes coroada, coroada na terra e coroada no céu, coroada com uma das coroas que dá fortuna, e coroada com aquela coroa que é sobre todas as fortunas...” O exemplo deixado por Isabel, aqui ressaltado pelo padre, evidencia a declaração de Perelman: “O que é único se beneficia de um prestígio inegável...” O único, no sermão de Vieira, é expresso sobretudo pelo léxico proposto.

Considerando que uma língua é formada por modalidades sistemáticas, veremos que será possível encontrar, em toda e qualquer língua, inclusive na portuguesa, léxico (o conjunto de palavras), semântica (os significados), morfologia (os elementos mórficos mínimos), sintaxe (a estrutura) e fonética/fonologia (os sons), colocadas aqui como sinônimos. Em uma língua, os elementos argumentativos podem estar presentes em qualquer modalidade ou funcionando sistematicamente nos mais diferentes níveis. A nosso ver, o léxico proposto por Vieira foi fundamental para articular uma convicção (a partir dos valores suscitados) dos aspectos trabalhados no texto, pois elenca no imaginário da plateia uma expressão da cultura nacional. Dentro do campo semântico expresso, encontramos termos próprios (rainha, santa, coroa, majestade, Tejo, Lusitânia) capazes de evocar nos ouvintes, naquele contexto, a construção de um ideal nacionalista português. No texto, as palavras funcionam como fios a tecer todo o conjunto de ideias, inclusive nacionalistas, exercendo forte influência como instrumento da argumentação. Segundo Saraiva, “Não há nele palavras átonas, indiferentes, languescentes. Cada uma parece ocupar o lugar que lhe é próprio, como em estado de alerta.”

Observando a passagem do sermão em que Vieira discorre sobre a relação *rainha X santa*, algo repetido várias vezes durante o texto, semelhante a um coro grego que ratifica a informação, extraímos o seguinte fragmento:

Desta maneira deixou a nossa rainha a coroa e o tudo que pedia o Evangelho: ‘Tudo o que tem.’ Mas assim como a deixou sem a deixar, por que a não deixou deixando? Por que não abdicou a majestade, por que não deixou de ser rainha, ou não aceitando a coroa, quando se lhe ofereceu, ou renunciando-a, depois de aceita?

É possível perceber o valor do verbo “deixar” na passagem acima. Notamos que o autor, tentando conciliar noções a princípio discrepantes (ser rainha e santa), consegue equacionar o problema. Na resolução de Vieira, Isabel se faz ainda mais santa e rainha, pois, diante dos impasses da vida monárquica e da vida religiosa, consegue sobrepor-se a esta situação, tornando-se, para tanto, mais nobre em suas qualidades. Segundo Saraiva,

...as palavras se prestam a todas as espécies de associação, abrem-se por todos os lados à passagem de qualquer discurso. Vieira, no discurso engenhoso em vez de fazer uma triagem entre as possíveis conexões, acessíveis a certos circuitos e fechados a outros, o que torna a palavra, em certa medida, uma demonstração da validade lógica da associação das ideias, as usa de tal maneira que elas não opõem resistência a qualquer encadeamento.

Se as palavras exercem forte poder de convicção no sermão analisado, o que não farão as imagens estabelecidas por estas palavras selecionadas por Vieira. Já sabemos que, segundo Perelman, “Para cada auditório existe um conjunto de coisas admitidas que têm, todas, a possibilidade de influenciar-lhe as reações. Tal conjunto é relativamente fácil de discernir quando se trata de um auditório especializado...” Isto posto nos leva a crer que a evocação das palavras, quando devidamente selecionadas, provoca no auditório específico uma percepção sensorial, transformando um pensamento abstrato em visões concretas. Uma destas deslumbrantes visões provocadas por Vieira está na alegórica comparação de Isabel a uma águia grande, conforme declara a passagem bíblica de Apocalipse, capítulo 12, versículo 14: “Mas foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, ao lugar que lhe está reservado para, longe da serpente, ser alimentada por um tempo, tempos e a metade de um tempo.”

Na leitura do autor, a Isabel foram dadas duas asas de águia grande. Segundo ele, a águia é a Espanha, por ser a maior monarquia espanhola pelo universo. Uma das asas desta águia é o reino de Aragão, de onde provém Isabel. A outra asa é o reino de Portugal, pois, através do casamento com D. Dinis, tornou-se Isabel portuguesa. Percebemos que a Ibéria é a grande águia, com algumas ramificações, sendo, na visão de Vieira, o grande baluarte da cristandade. O autor continua sua criação ao traçar historicamente a divisão da Península Ibérica proposta pelos romanos, quando da conquista desta região. Segundo ele,

Não é divisão minha, senão de todos os cosmógrafos, os quais dividem a Espanha em três partes, ou três Espanhas: ‘Espanha Bética, Espanha Tarracônica, Espanha Lusitânica.’ O corpo e a cabeça desta águia é a Espanha Bética.

ca, que corresponde as duas Castelas. Uma das asas é a Espanha Tarraconense, isto é, Aragão, que de Tarragona se disse Aragona; a outra asa é a Espanha Lusitânica, isto é Portugal, que de Luso se disse Lusitânia.

Na leitura do fragmento exposto, notamos a intenção do autor ao relacionar a águia, animal de grande porte e com soberania para estar na mais alta posição celeste, à Ibéria. Assim é a Espanha, ou, mais especificamente, a Península Ibérica, águia da cristandade (graças à promoção do Cristianismo por grande parte das Américas) e de onde vem a figura de maior destaque do sermão: a Rainha Santa Isabel.

Ainda em relação à temática do sermão, outro aspecto relevante se caracteriza em Vieira: a originalidade proposta. Independente de como foi desenvolvida a prédica, sua garantia de convencer já se encontrava no tema, pois buscava estabelecer uma visão nova e inédita a partir do exposto. A vida de Isabel é exemplo para os portugueses, principalmente para os reis e rainhas do tempo de Vieira. Iniciado o sermão, ainda nas apresentações iniciais, a partir da dialética *rainha X santa*, vemos que ao autor coube demonstrar, utilizando comparações entre passado (a vida da rainha) e presente, a necessidade dos monarcas de seu tempo seguirem o modelo de vida estabelecido por Isabel. Tal demonstração está presente em todo o texto. Vieira, no fim de seu sermão, assim se manifesta: “...com o exemplo canonizado de Isabel rainha e santa, entendam que também podem ser santos sem deixar de ser reis, e que então serão maiores reis, quando forem santos”.

A vida de Isabel é associada a várias situações tomadas como pilares para a vida dos portugueses. Em primeiro lugar, Vieira associa a relação entre coroas, exaltando na rainha a grandeza de possuir, além da coroa terrestre, a coroa celeste. Segundo ele,

O maior cabedal que pode dar o mundo é uma coroa. Mas, ainda que as coroas são as que dão as leis, não são mercadoria de lei. (...) Para conquistar reinos da terra, o melhor cabedal é uma coroa, mas para negociar o reino do céu, é gênero que quase não tem valor.

Desta forma, Vieira estabelece que o exemplo de Isabel supera o de qualquer outro rei (rainha), já que, enquanto figura da realeza, buscou almas para o reino do céus. Segundo ele:

Reis que fazem bodas, que fazem banquetes, que fazem guerras, que mandam exércitos, que conquistam reinos na terra, isso achareis no Evangelho; mas reis que se empreguem em adquirir o reino do céu, parece que não é ocupação de personagens tão grandes.

Todas estas referências de Isabel *rainha X santa* dizem respeito a uma grande marca do autor. Enquanto padre católico, toda a sua argumentação parte dos valores religiosos herdados pela formação teológica católica. Enquanto sacerdote cristão, a visão bíblica adquire valor singular na demonstração e aplicação dos ensinamentos propostos no sermão, o que se torna evidente a partir do momento em que o autor utiliza a citação bíblica como fundamento maior de suas ideias. Temos, nesta direção, o denominado argumento de autoridade, utilizado por representar um prestígio dentro do contexto desejado. Para Vieira e para seu público, a bíblia, considerada regra de conduta e fé da cristandade, representa verdades incontestáveis. Citá-la, em um sermão, é sinal de legítima garantia de que o discurso será aceito sem dúvidas colocadas, pois o livro, sagrado para a cristandade, representa força vital para estabelecer valores próprios. Segundo Perelman, "...o argumento de autoridade é de extrema importância e, embora sempre seja permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode..."

Em Vieira, mais especificamente no Sermão da Rainha Santa Isabel, o argumento de autoridade se corporifica com as inúmeras citações bíblicas. O próprio autor, ainda na primeira parte do sermão, quando apresenta a sua temática, declara que "...eu não sei dizer senão o que me diz o Evangelho...", numa alusão ao fato de ser ele um instrumento da voz divina a partir daquilo expresso no texto sagrado. Iniciando a prédica, ele utiliza a passagem de Mateus, capítulo 13, versículo 45: "O reino dos céus é comparável ainda a uma rede que se lança ao mar e que reúne peixes de toda espécie." Esta é a base do sermão, ou seja, partindo de um fragmento do texto sagrado, desenvolve-se uma reflexão calcada nos valores expressos por dada corrente religiosa.

A autoridade argumentativa se expressa nas mais diferentes citações bíblicas no decorrer do texto. Para cada nova explicação do autor, há como base o saber bíblico, inquestionável, capaz de por si próprio atingir os objetivos desejados. Podemos perceber este recurso, por exemplo, quando Vieira cita Provérbios, com a seguinte passagem: "Uma mulher forte, quem a encontrará?" A intenção desejada seria o reconhecimento de Isabel como uma mulher forte, tanto quanto aquela expressa em Provérbios. Outro exemplo desta natureza é a utilização da passagem de Salmos (capítulo 44, versículo 14), que assim diz: "Toda a sua glória é de dentro, em franjas de ouro, envolta em vestidos de cor vária." O desejo do autor é relacionar a figura gloriosa de Isabel a uma citação que não fala especificamente da rainha. Desta forma, percebemos que, na religião, o

argumento de autoridade é válido, sobretudo porque as revelações, obtidas através de homens supostamente escolhidos por uma divindade, explicitam uma ideia desenvolvida, criando, no caso do sermão, toda uma mística de alta credibilidade.

Não só o argumento de autoridade corporifica o texto bíblico. Na argumentação proposta por Vieira, a eficácia do universo cristão, expresso a partir da bíblia, caracteriza plena verdade para estabelecer no texto credibilidade absoluta às verdades levantadas. Mas, de que adiantaria todo o arsenal bíblico se não houvesse expressividade no *ethos* do pregador?

Sabemos que para os jesuítas o teatro possuía valor significativo, pois, além de exercer forte teor pedagógico, expressava com maior apuro, na evangelização, o realismo da vida. Não queremos afirmar que Vieira teria, ao invés de pregado o sermão da Rainha Santa Isabel, encenado o texto como em uma clássica apresentação teatral. Entretanto, não podemos esquecer que, para marcar ainda mais a sua posição às verdades elencadas, fazia ele o uso de certa dramaticidade, teatralidade, apelando a todo tipo de gente que ouvia (e via) o seu sermão. Infelizmente não temos condições, ainda nos dias de hoje, de voltar ao tempo para verificar o *ethos* de Vieira, compreendido aqui como elemento que consiste em causar “boa” impressão, dar uma imagem capaz de convencer o auditório e sua confiança quando do momento da pregação. Aspectos como qual a toga, a estola, o gestual ou mesmo as expressões corporais utilizadas em cada prédica sua não serão possíveis identificar. O que nos restou foi o texto, de onde extraímos interpretações para compreender certas posturas.

Uma marca da teatralidade preservada no texto é a necessidade de ressaltar o diálogo entre o público. Neste ponto, é possível perceber a existência de um poder enfático que o autor utiliza para manter o interlocutor atento. No sermão estudado, percebemos esta intenção, por exemplo, no início dos parágrafos (em termos de oralidade, diríamos no início de um novo tema do sermão). Este diálogo pode ser travado, por exemplo, a partir da invocação. Ao falar sobre a morte de Isabel e a imagem que esta morte representa para o público (especificamente aos portugueses), assim se posiciona Vieira: “Esta morte, *senhores*, de Isabel morta, mas com dotes de imortalidade, é a que eu hoje desejo levemos todos retratados na alma.” (grifo nosso). Notamos que o vocativo utilizado chama o público para si, na expectativa de se fazer compreensível no contexto da prédica. Este recurso é também praticado com verbos que expri-

mem a ideia de convite, a partir de uma estrutura imperativa, como se vê na seguinte passagem: “Comparai-me agora rio com rio, e mar com mar.”

Ao querer concluir o sermão, Vieira ressalta sua relutância com o término, deixando ainda mais destaca a sua intenção: “Eu quisera acabar, mas está me chamando a nova primavera que vemos a que repare naquelas rosas.” A marca de primeira pessoa deixa evidente a sua posição, caracterizando o diálogo travado com seus ouvintes. A partir desta consideração, o autor retoma o seu tema, dando prosseguimento para a conclusão de sua prédica.

Às conclusões referentes à temática apresentada, verificamos que Vieira, ao produzir o seu sermão, buscou utilizar uma variada forma de convicção seja no vocabulário proposto, nas imagens construídas, no retorno da história, sem contar com a variada referência bíblica. Todos estes recursos associados trazem ao autor não só o reconhecimento de sua grandiosidade em suas atividades literárias, mas também sua incrível capacidade de construir um texto convincente, digno de toda credibilidade. Especificamente no sermão trabalhado, notamos que todos os recursos se fazem presentes, acentuando aos ouvintes maior poder argumentativo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Santos: Brasília Limitada, 1974.

BÍBLIA TEB. *Tradução ecumênica da bíblia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1995.

CAMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Eduff, 1086.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1988.

HADDAD, Jamil Almansur. *Os sermões*: seleção com ensaio crítico. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

PERELMAN, Chaïm. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESSOA, Fernando. *Mensagens*. Porto: Brevíssima Portuguesa, 1997.

SARAIVA, Antônio J. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Vol. II. São Paulo: Loyola, 2009.